

Chomsky e o gerativismo: estudo da linguagem humana

Ao longo da história, o desenvolvimento da linguagem e o aprendizado da língua sempre foram assuntos alvos de vários questionamentos e investigações. Diversos estudiosos se empenharam em desenvolver modelos teóricos e propor teorias acerca dos fatores da linguagem humana, como o seu funcionamento e a sua concepção. Dentre esses estudiosos, o linguista Noam Chomsky se destacou como precursor de uma corrente de estudos (linha de pesquisa linguística) denominada gerativismo. É uma corrente que se dispôs a estudar e descrever a linguagem humana, além de elaborar um modelo teórico formal inspirado também em outra área da ciência: a matemática!

A linguística gerativa surge como uma forma de reação ao modelo behaviorista, que foi dominante no campo da linguística e das ciências durante a primeira metade do século XX. Enquanto os gerativistas pensavam a linguagem utilizando noções como criatividade, gramaticalidade, competência e desempenho linguísticos, etc., os behavioristas acreditavam que a linguagem humana era algo externo aos indivíduos, desenvolvida através da interação social e por meio da repetição. Focaremos nos principais tópicos da corrente de estudos iniciada por Chomsky, a fim de compreendermos a linguagem humana do ponto de vista gerativista.

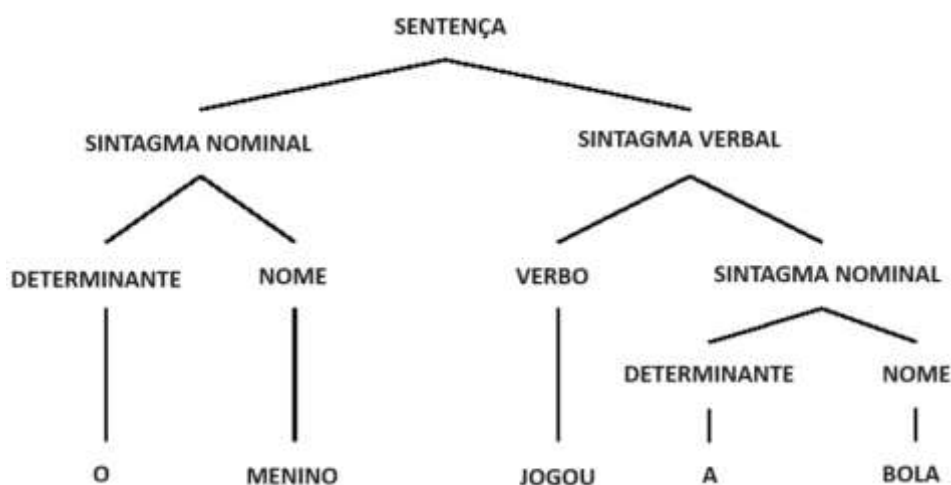
Uma das principais características do comportamento linguístico humano, citada por Chomsky, é a criatividade. Esse aspecto criativo, com o qual todos os indivíduos nascem, é o que mais diferencia a forma de comunicação animal da linguagem humana. Veja bem, um indivíduo pode produzir frases novas/inéditas a qualquer momento, enquanto os animais são condicionados aos conjuntos limitados e específicos de sinais e formas de se comunicarem, já próprios de suas espécies.

Outro aspecto extremamente importante e intrínseco a nós seres humanos é a capacidade de falar e entender uma língua, ou seja, nosso comportamento linguístico. Para Chomsky, essa capacidade é resultado de um mecanismo que já nasce com todos nós! É algo interno ao corpo humano, uma habilitação genética denominada faculdade da linguagem. Assim, todos os seres humanos (exceto os acometidos por patologias graves) são capazes de desenvolver uma competência linguística, uma capacidade mental natural e inconsciente de produzir e entender frases. Então, na visão gerativista, as línguas não são mais vistas como um comportamento moldado socialmente, mas sim estudadas como uma capacidade mental inata.

Para compreender e descrever precisamente como é a *faculdade da linguagem*, o seu funcionamento e os seus aspectos, a linguística gerativa se propôs a elaborar um modelo teórico que utiliza outras áreas da ciência, como a matemática e as ciências cognitivas. Os principais e mais utilizados modelos teóricos são os chomskyanos, contudo existem modelos alternativos criados por outros linguistas gerativistas que discordam das ideias de Noam Chomsky. Observemos algumas noções e conceitos chomskyanos!

Ao longo das décadas de 1960 e 1970, a *gramática transformacional* despontou como uma fase do gerativismo que tinha por objetivo estudar e descrever as partes que formavam as sentenças (as frases). Nesse período foram estudadas as estruturas formadas nas sentenças e as transformações ocorridas quando se aplicavam regras. Assim, um esquema chamado *diagrama arbóreo* ficou muito conhecido como sendo a maneira que os gerativistas utilizavam para representarem e compreenderem as

estruturas de uma frase – uma espécie de “árvore” que era formada pelas partes da sentença dispostas em “ramos”. Vejamos um exemplo na frase a seguir, em que há a representação da sentença “o menino jogou a bola”:



Além disso, um outro conceito importante para o gerativismo foi o de *competência linguística*, que é o conhecimento intuitivo, inconsciente e natural sobre a língua. Desse modo, o falante produz intuitivamente frases gramaticais (bem formadas) e também utiliza o conhecimento internalizado para discernir quais frases são agramaticais (estranhas ou sem sentido). Vale ressaltar que o conceito de gramática usado nesse contexto não se refere à gramática normativa, ensinada nas escolas, e sim ao conhecimento implícito e inconsciente do falante sobre a sua língua. Por exemplo, quando ouvimos alguém dizer “nois vortamo de bicicleta mais cedo”, podemos entender o que o falante quis dizer e estabelecer uma comunicação; se trata então de uma frase gramatical, pois tem sentido e está de acordo com o conhecimento linguístico internalizado dos falantes, ainda que esta forma não esteja correta pela visão da gramática normativa e seja até mesmo condenada por ela.

Embora os estudos sobre a competência linguística tenham sido bastante relevantes e investigados, no começo dos anos 1980 a hipótese da *gramática universal* começou a ocupar posição de destaque na linguística gerativa. Em suma, foi concebida como uma hipótese que abrange o conjunto de propriedades gramaticais comuns a todas as línguas naturais, além das diferenças previsíveis baseadas nas opções disponíveis na própria gramática universal.

Para estudar essa hipótese, os gerativistas elaboraram uma teoria chamada *princípios e parâmetros*, que teve e tem seus estudos desenvolvidos majoritariamente na área da sintaxe, área de estudo da gramática focada nas estruturas sintáticas das sentenças, a fim de buscar semelhanças entre as línguas de todo mundo. Os Princípios representam as regras básicas compartilhadas por todas as línguas naturais. Já os Parâmetros são as possibilidades e/ou configurações que diferenciam as línguas entre si, mas sempre dentro dos limites definidos pelos princípios da Gramática Universal.

Ainda cabe destacar que o estudo focado exclusivamente na sintaxe vem de uma ideia muito essencial do gerativismo denominada *gramática modular*. Desse modo, os segmentos da gramática são analisados em módulos autônomos e sem influência direta de outros módulos.

Por fim, podemos constatar que a linguística gerativa tem um papel fundamental para o estudo da linguagem humana, pois possibilita a investigação e comparação das línguas humanas existentes. A busca por respostas sobre o funcionamento da linguagem e seus mecanismos, bem como a compreensão da faculdade da linguagem, foram e continuam sendo os pontos principais do gerativismo até os dias de hoje.

REFERÊNCIA:

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. *In*: Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 127-40.